

# Planalto teme efeito dominó no Senado

Governo mobiliza base para tentar conter petistas e aliados descontentes

CHICO ARAÚJO E JOÃO CLÁUDIO NETTO

O discurso do senador Cristovam Buarque (PT-DF) anteontem criou o temor no Palácio do Planalto de um efeito dominó na base de sustentação ao governo no Senado, impondo novas derrotas em outras votações importantes, como a do projeto de Lei da Biossegurança.

Anteontem, Cristovam fez um duro discurso contra a política social do governo e pediu desculpas a seus eleitores por ter votado a favor do mínimo de R\$ 260 e pelas mortes de moradores de rua em São Paulo. O discurso foi uma reação do senador pelo fato de o Palácio do Planalto ter vetado o chamado "choque social" de Cristovam. O choque era um conjunto de 12 medidas apresentadas pelo senador como uma condição para votar favoravelmente aos R\$ 260.

Na avaliação de assessores próximos ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, os operadores políticos do Planalto devem entrar em ação para evitar que Cristovam, decepcionado com a política social do governo, deixe o PT e ingresse em outro partido, a exemplo dos fundadores do PSOL (Partido Socialista), como a senadora Heloísa Helena (AL), expulsa do PT com os deputados Babá (PA) e Luciana Genro (RS) por votarem contra os projetos das reformas da Previdência e Tributária.

"Se o governo não acionar seus bombeiros, a situação no Senado vai complicar-se ainda mais", avalia um interlocu-

tor do Planalto com acesso ao gabinete presidencial. Além de Cristovam, o Planalto tem problemas com outros dois senadores aliados: Paulo Paim (PT-RS) e Geraldo Mesquita Júnior (PSB-AC). Os dois têm assumido posturas independentes em votações de peso que interessam ao Planalto.

Para evitar defecções no partido e na própria base, conselheiros de Lula defendem a tese de que a articulação política do Planalto com o Senado deve ser reforçada por outros ministros do governo, como é o caso de Antônio Palocci, da Fazenda. Durante a tramitação das reformas previdenciária e tributária, Palocci atuou como articulador político do Palácio do Planalto, conversando com os governadores tucanos Aécio Neves (MG) e Geraldo Alckim (SP) e o peemedebista Germano Rigotto (RS).

Ontem, o **Jornal de Brasília** tentou ouvir os ministros da Casa Civil, José Dirceu, e da Coordenação Política, Aldo Rebelo, sobre as acusações de Cristovam ao governo Lula. Nem um dos dois se pronunciou oficialmente a respeito do assunto. Em e-mail ao jornal, a assessoria de Dirceu informou que "entrevistas com o ministro devem ser agendadas, ou então, nas coletivas que ele concede" e que não havia qualquer coletiva prevista para ontem. A assessoria alega, ainda, que Dirceu não comentaria o assunto, pois o mesmo não é pertinente às atribuições da Casa Civil. Já a assessoria de Aldo Rebelo sequer respondeu ao e-mail.



A senadora petista Ideli Salvatti (SC) foi uma das que criticaram a falta de diálogo do governo

## Alerta foi feito em junho

Em junho, numa reunião com o presidente Lula, no Palácio do Planalto, os líderes da base governista alertaram que o Senado poderia ser palco de derrotas para o governo, caso não houvesse um tratamento diferenciado para com os senadores. A própria líder do PT na Casa, Ideli Salvatti (SC), endossou, à época, a reclamação. Salvatti afirmou que o Planalto precisava ter uma deferência especial com os senadores, justificando que isso se fazia necessário porque ali existem ex-ministros, ex-governadores e até um ex-presidente da República.

Na conversa de junho ficou acertado que, no segundo semestre, o governo passaria a trabalhar para garantir uma "maioria confiável" no Sena-

do. "Mas depois do discurso do Cristovam, parece que as conversas não estão caminhando nesse sentido", ressalta outro assessor palaciano, que mostra-se com um efeito negativo do discurso de Cristovam na bancada governista no Senado.

O discurso de Cristovam Buarque acabou sendo assunto de um jantar da bancada petista na noite da mesma quinta-feira. Presente ao jantar, Cristovam ouviu dos demais participantes que ele tinha razão em reclamar o cumprimento do acordo. Mas não tinha razão em dizer que o veto seria a confirmação de que os programas sociais não estavam sendo desenvolvidos. Além disso, escolheu o momento errado para falar. Se

não piorou, o discurso também em nada ajudou no complicado clima entre governo e oposição na Casa.

Cristovam reclamou pelo fato de a bancada não se reunir e ouviu, novamente, o relato das dificuldades enfrentadas pelo governo no Senado. Além do discurso de Cristovam, há complicadores como a falta de acordo para votações, a medida provisória que deu status de ministro ao presidente do Banco Central e a disputa política em torno da CPI do Banestado.

O deputado Wasny de Roure (PT-DF), ex-secretário de Cristovam durante o tempo em que esteve a frente do Distrito Federal, criticou o discurso do senador. "Ele se exorbitou", disse Wasny.

## Discurso divide petistas do DF

O discurso do senador Cristovam Buarque (PT/DF) deve render uma repreensão do presidente nacional do PT, José Genoino, ao ex-governador do DF. Na próxima terça-feira, Buarque tem um encontro marcado com Genoino e o presidente da sigla no DF, Wilmar Lacerda. "Será apenas uma visita que faremos ao senador", despista Lacerda.

No entanto, de um acordo com um distrital petista, na reunião, o presidente nacional cobrará de Cristovam uma postura menos beligerante em relação aos interesses do Planalto. "Na avaliação da cúpula nacional do PT, Cristovam entrou em rota de colisão com os interesses do partido e do governo e está adotando uma posição de isolamento", justifica o parlamentar.

Para Lacerda, não existe desgaste entre o senador e o governo federal nem a possibilidade de Cristovam deixar o partido. "Faltou um pouco mais de diálogo", minimizou. Na Câmara Legislativa, os ataques de Cristovam dividiram as opiniões dos parlamentares do PT. A líder da sigla na Casa, Arlete Sampaio, preferiu não comentar o assunto. Para Chico Vigilante e Érika Kokay, o discurso demonstra que o senador caminha em rota de colisão com o governo federal e a cúpula nacional da legenda. Paulo Tadeu e Chico Leite saíram em defesa de Cristovam.

"O senador fez um acordo público que não foi cumprido. Nada mais justo do que revelar o descumprimento", comenta Tadeu.